

Estratégia arriscada

Para atrair o dinheiro que poderia ser investido no Estados Unidos ou em outros países mais estáveis, o governo brasileiro decidiu oferecer uma grande vantagem para os investidores internacionais: juros altos. Aliás, altíssimos. Um recente estudo da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal) mostra que as taxas de juros brasileiras (19,5%) só perdem para as oferecidas pelo Peru (33%). "Taxas de juros tão altas e inexistência de regras sobre tempo de permanência no Brasil são um chamariz para o capital especulativo", critica o professor Márcio Pochmann, da PUC de Campinas.

Esse dinheiro estrangeiro é trocado por títulos do governo — papéis que podem ser trocados novamente por dinheiro pelo investidor, com lucro, dentro de determinados prazos (de três a nove meses, em média). A emissão de títulos e o pagamento de juros é cara para o governo. A previsão de gastos com refinanciamento da dívida subiu de R\$ 248,1 bilhões em 1999 para R\$ 633,8 bilhões no ano que vem.

E até os liberais mais convictos dizem que é hora de dar uma freada nesta ciranda. "O Brasil não precisa depender tanto de capitais externos. Ao longo da história, 90% dos recursos que financiaram o desenvolvimento brasileiro eram resultado de poupança interna. Só 10% eram investimentos estrangeiros", diz o economista João Paulo dos Reis Velloso, que foi ministro do Planejamento nos governos Médici e Geisel (entre 1969 e 1979). Ele acredita que somente ajustes profundos, incremento na arrecadação e estímulos à exportações o Brasil conseguirá superar a crise.

Enquanto essas medidas não vêm, o governo lança mão de recursos que trazem alívio a curto prazo e mais angústia a médio prazo. Para garantir crédito no mercado, o governo precisa guardar um pouco do dinheiro obtido com títulos em uma "conta corrente". É lá que ficam as chamadas reservas cambiais — quanto maiores, maior credibilidade. São essas reservas que dão ao vendedor de petróleo do Oriente Médio a certeza de que ele tem grandes chances de receber o pagamento. E são essas reservas que faltam no estímulo à produção.

O mais grave é que os mesmos juros que remuneram o capital externo balizam os juros praticados no mercado interno. Como os juros são muito altos, muitas pessoas físicas e jurídicas não conseguem pagar suas dívidas. A inadimplência é alta, o que obriga os bancos a exigir mais e mais garantias dos tomadores de empréstimo. "É tanta exigência que o banco dá a impressão de só querer emprestar dinheiro para quem não precisa", diz o presidente da Federação do Comércio do Distrito Federal, Sérgio Koffes.

Com isso, as empresas ficam sem recursos para investimento em melhorias e até morrem asfixiadas pela falta de capital de giro para continuar operando. O Sebrae nacional divulgou pesquisa mostrando que 53% das empresas morrem antes de completar o segundo aniversário. Entre a principal *causa mortis*, está a falta de capital de giro. (LR)